

NOVEMBRO
DE 1968

PUBLICAÇÃO MENSAL

Estudos

Série M

N.º 24

Esta série, (que é distribuída gratuitamente aos Médicos), tem tido grande aceitação. Pedimos aos Ex.^{mos} Médicos que a queiram receber, regularmente, o favor de nos fazerem a respectiva comunicação.

Psicologia e educação

AS TRANSFORMAÇÕES BIOLÓGICAS E PSICOLÓGICAS QUE PREPARARAM O MUNDO SOCIALISTA. O CASO DA RÚSSIA - IX

Fixismo e mobilismo das mentalidades — Os pensamentos psicossomáticos da sociabilidade. A passagem da microsociologia para a macrosociologia

PROBLEMAS DE PSICOLOGIA - II

Campos da psicologia — A introspecção

O PAPEL DA RELIGIÃO E DA POLÍTICA NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE - XVII

Dificuldades da integração dos muçulmanos no mundo moderno. Arcaísmo tradicional e renascimento do Islão.

A ANEMIA DAS GRÁVIDAS

ESTUDOS SOBRE A MEMÓRIA E PSICOLOGIA COLECTIVA - V

A duração da memória

O SENTIDO DA VIDA — COMO SE FORMA A NOSSA OPINIÃO - III

O que nós sentimos e o «senso comum»

O PROBLEMA DOS NEGROS NOS ESTADOS UNIDOS E NAS PROVÍNCIAS PORTUGUESAS

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director — Dr. F. CÓRTEZ PINTO

Administrador e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTÓNIO J. LEITE SARAGAMO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão: Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B — LISBOA

Sala C

Est. 12/11/68

Tab. 12

N.º

Compensadores das Carências do organismo

Carências de ferro :

Aneritran

Gluconato Ferroso, Vitaminas B₁₂ e C, Complexo B.
Prepara-se em *drageias* e em *elixir*. Posologia — 3
a 9 drageias ou colheres de chá de xarope.

Carências de magnésio :

Magsan

(Sais halogêneos do magnésio). Posologia — 2 a 6
comprimidos por dia.

Carências de iodo :

Jodopeptona

(Peptonato de iodo).

Carências de Vitaminas :

Complexan B

Associação de Vitaminas B₁, B₂, B₆, PP, B₁₂ e Pan-
tenol — Posologia:—Em comprimidos (1 a 2, três
vezes por dia ou em xarope (adultos, 3 colheres
de chá e crianças, 3 colheres de café, por dia).

O *Aneritran* já contém vitaminas; nas pessoas de idade é con-
veniente associar o «Rutinicê Fortíssimo» que, além da Vita-
mina C, contém a Rutina, cuja acção potencia o efeito da Vita-
mina C e ainda tem a possibilidade de combater a fragilidade
dos vasos congestionados (2 a 6 comprimidos por dia).

OUTUBRO
DE 1968

PUBLICAÇÃO MENSAL

Estudos

Série M

N.º 24

Director — Dr. F. CORTEZ PINTO

Administrador e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTÓNIO J. LEITE SARAMAGO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão: Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B — LISBOA

Psicologia e educação

TRANSFORMAÇÕES BIOLÓGICAS E PSICOLÓGICAS QUE PREPARARAM O MUNDO SOCIALISTA

O CASO DA RÚSSIA

IX

O nosso estudo vai-se prolongando, devido ao seu interesse e à profundidade que lhe vamos dando, a pedido de muitos leitores.

No último artigo estudámos os problemas do «Culto da Personalidade» e da «Metamorfose da Europa Oriental e o seu futuro psicológico». Vamos agora prosseguir com outro estudo, que os completa.

Fixismo ideológico e «Mobilismo das mentalidades»

Enquanto a economia da nação esteve fortemente empobrecida e ameaçada, a união, na sua difícil mediocridade, não era suficiente para assegurar a felicidade do povo. O autoritarismo administrativo e policial e a intransigência do funcionalismo condicionavam a solidez das bases de reconstrução destes povos, mas davam ao mundo europeu oriental uma feição muito áustera.

Mas, graças a esta austeridade e ao sacrifício de todos, voluntário ou imposto, o facto é que estas nações têm progressivamente reconquistado, a partir da ruína em que estavam mergulhados desde a última guerra, um nível de vida tal que já não é incómoda a visita dos estrangeiros e que muitas vezes mesmo se verifica uma previdência social integral mais perfeita.

Mas, igualmente, em comparação com a liberdade ocidental e com o fim de não destruir todo o interesse pessoal, o que levou em muitos sectores a uma apatia completa, foram autorizadas, a pouco e pouco, várias concessões e facilitada a vida de certas organizações. Começou-se



por admitir alguns modestos direitos de propriedade, assim como participações individuais nos lucros de algumas empresas colectivas, tais como os «Sovkoses» (complexos agrícolas dependentes directamente do Estado, que assegurava antigamente só os salários fixos), e com os «Kolkoses» (ou cooperativas de camponeses que dependiam da sua própria produção). Foi também autorizado o direito de herança das famílias nos casos de falecimento e, em algumas repúblicas populares, a criação de pequenos estabelecimentos comerciais privados, de caixas económicas, etc.

É claro que estas concessões ao direito de propriedade privada, representavam para os doutrinários puros, um sacrifício tal que os ortodoxos declaravam que era a falência do comunismo puro que a Revolução tinha instituído; mas as concessões foram inteligentemente feitas por se reconhecer que eram indispensáveis para manter a solidez do regime, pois eram exigências baseadas na psicologia individual, cuja oposição daria origem a um sentimento de mal-estar e de revolta.

A Europa contemporânea apresenta hoje um dualismo sociológico, praticamente equilibrado em partes iguais. Por um lado, a perturbação psicológica provocada pela expansão comunista (compreendendo mesmo alguns grupos de trabalhadores manuais e intelectuais do Ocidente), forçou os dirigentes a considerarem o direito à segurança do futuro dos trabalhadores da classe proletária, como uma fase essencial à constituição de um Estado moderno; por outro lado, a mentalidade ocidental sobre direitos da consciência humana e sobre o respeito que se deve à personalidade individual, no que respeita, não só às suas crenças religiosas, mas também às suas aspirações privadas, fez igualmente renascer a aspiração ao respeito de «Si próprio» e de que este respeito dá direito a manter ideias próprias sobre propriedade, ou de ordem espiritual, com a condição de não representarem um meio desonesto de lucros à custa dos outros.

De um lado e do outro dos grandes pólos da evolução europeia, as ideologias continuaram ou mesmo aumentaram, mas as mentalidades têm-se transformado. Passou uma geração, a da revolução, e nasceram novas gerações e, em todos os países, os homens vão-se identificando lentamente, de acordo com as transformações das novas épocas, incluídos todos em um acordo universal científico e social.

Podem esperar-se melhores dias de compreensão dos direitos individuais e das nações e a ideia de uma paz europeia pode ir tomando forma, se for possível inculcar às juventudes de todas as nações, um espírito de tolerância e de fraternidade, que permita viver lado a lado, com as directrizes que cada povo deseje estabelecer para a sua comunidade. Para melhor compreender a importância do problema que, como a princípio se pensou, era insolúvel, teremos que estudar profundamente quais são os «fundamentos psicossomáticos da sociabilidade», que vamos expor a seguir.

OS PENSAMENTOS PSICOSOMÁTICOS
DA «SOCIABILIDADE»**Sociabilidade animal
e sociabilidade humana**

Nos animais mamíferos selvagens superiores, particularmente nos antropóides, sabe-se que existem espécies que têm tendência para viverem solitários, outros que permanecem em famílias muito exclusivas, como os chimpanzés e outros ainda que formam grupos mais ou menos coerentes, como os babuínos.

Neste último caso, o grupo é sempre dominado por um «chefe», posição que é geralmente conquistada, depois de combates rudes entre os jovens machos concorrentes. O vencedor exerce sobre a sua tribo, um poder despótico, de que a coesão é assegurada pela violência do poder e pela força colectiva dos animais, que se agrupam se houver perigos inimigos.

Existe igualmente, em certas espécies, uma hierarquia instintiva, que se pode mesmo observar nos bovídeos domésticos (por exemplo, quando as vacas se movem ou entram no curral, o que se faz sempre dentro da mesma ordem respectiva).

Fora dos *insectos sociais*, como as formigas, abelhas e termitas e dos animais mais evoluídos, como os castores e os pinguins e se excluirmos as espécies que formam hordas ou rebanhos puramente ocasionais, como as aves migradoras e os rebanhos unidos no mesmo território de pastagem, verifica-se que a sociabilidade animal é um fenómeno raro.

No entanto, mesmo que viva habitualmente em uma pequena ou grande sociedade, o animal adulto pode bastar-se a si próprio quando se encontrar isolado do seu meio ambiente habitual.

Se o *homem* é assim capaz, pela sua inteligência e a soma considerável dos seus reflexos condicionados adquiridos, de compensar em parte as deficiências próprias do seu estado físico, é incontestável que ele é igualmente o único ser que tem a consciência da sua inferioridade. Por consequência, ele procura reconstituir, por meios artificiais, o meio uterino e a protecção materna que perdeu e que o seu ser infantilizado desejaria reencontrar, no entanto, proporcionalmente à sua superioridade cerebrotónica sobre os outros animais, isto é, pensando em uma entidade que para ele representa a «Super-Mãe», que foi o centro da sua admiração infantil.

Para adquirir esta protecção superior, afirmando no entanto o seu domínio sobre as outras criaturas vivas e a sua superioridade no meio que o cerca, os homens sentem a necessidade de se organizarem em grupos, tanto mais importantes, quanto mais difíceis forem as dificuldades a vencer.

A passagem da «microsociologia» para a «macrosociologia»

Do que temos exposto acerca da psicologia dinâmica e das suas relações com a sociologia, mostrámos que os agrupamentos sociais que interessam um grande número de indivíduos não são fundamentais para a natureza humana. Pelo contrário, a família primitiva é mais anti-social e, de qualquer maneira, o homem só sabe encontrar o seu melhor equilíbrio junto a um «pequeno grupo», de uma tribo ou de uma união de um número moderado de «chefes», colectivamente responsáveis pela protecção das suas mulheres e filhos.

A coesão desses grupos é fundada essencialmente sobre as faculdades de simpatia pessoal, isto é, cada membro da sociedade deve conhecer intimamente as personalidades dos outros companheiros, para receber ou lhe dar espontâneamente o auxílio, no momento próprio, ou de o substituir perante a sua família, se para isso houver necessidade. São as bases deste espírito de *equipe*, destas «microcolectividades» que, mesmo nos povos mais primitivos, são capazes de provar um comportamento de um alto valor moral.

As pequenas sociedades estabelecem, a partir dos hábitos adquiridos por imitação recíproca, condutas colectivas regulares, que se traduzem por regras de vida, de costumes, de práticas sociais especiais, de «tabús», de ritos, de crenças religiosas comuns e, sobretudo, por símbolos, que podem ser propagados por novas gerações ou agrupamentos, quando o número de pessoas se torne mais importante, porque essas regras são necessárias para que continuem a viver em conjunto, sobre os mesmos territórios de caça, de pesca ou de cultura. Assim se formam progressivamente as *tribos*, mas de que a ligação pode ser conservada pelos *denominadores comuns* da língua, costumes, regras de trocas comerciais estabelecidas e, sobretudo, pelo reconhecimento de um chefe supremo, de um rei ou de um deus.

Enquanto cada tribo ou cada aldeia não ultrapassar uma certa escala de grandeza nas relações humanas de intimidade, os comportamentos entre as pessoas ou os pequenos grupos entre si são condicionados por mecanismos de relações próprios de uma «microsociologia»; esta é natural, espontânea, e assegura o melhor equilíbrio afectivo e psicossomático, para o desenvolvimento, fácil e agradável, do homem perfeitamente adaptado ao seu meio ambiente.

Todavia, quando a expansão dos grupos humanos se encontrar limitada, por exemplo, por espaços vitais limitados, quando um grande número de pessoas são constringidas a viver em conjunto e não for possível a um indivíduo conhecer as actividades dos outros companheiros, devem ser estabelecidas novas estruturas sociais, a fim de permitir uma vida coerente e disciplinada deste grupo; surge a necessidade das hierarquias.

Esta necessidade arrasta consigo, automaticamente, uma diversificação de trabalhos, cada vez mais especializados, uma procura de novos recursos compatíveis com a densidade das populações, tais como, agrícolas, pecuárias, aperfeiçoamento dos meios de trabalho, como ferramentas, máquinas e trabalhos colectivos ou por trocas humanas. Resulta portanto a necessidade de instituir uma hierarquia nos agrupamentos funcionais das organizações mais ou menos estruturadas, pois que segundo afirma *G. Gurvitch*, «cada grupo é um mundo pequeno, com manifestações de sociabilidade» e «cada sociedade é um macrocosmo de agrupamentos particulares». Se nos grupos ou nas sociedades globais as forças *centrípetas*, não predominarem sobre as forças *centrífugas*, se não for possível conseguir a «unanimidade», de qualquer forma, a organização não poderá subsistir. Ora, é precisamente no arranjo da predominância que indicámos que reside a base da coesão relativa ou do equilíbrio precário das hierarquias próprias dos grupos. Por isso os grupos sociológicos ou os países socialistas em organização são impulsionados a fazer respeitar e cumprir as regras sociais estabelecidas, mesmo com violência, se algum indivíduo tiver a veleidade de as combater e, muito mais, se em lugar de um indivíduo, aparecer um grupo de indivíduos ou seja um partido contrário às regras sociais estabelecidas, grupo que tem de ser fortemente reprimido ou aniquilado.

Nesta situação a «Sociedade» tem que ser condicionada por novos mecanismos, com as suas leis próprias da «macrociologia».

No próximo número continuaremos a desenvolver este problema, estudando «a formação dos vários tipos de sociedades globais», desde as «sociedades patriarcais», «sociedades feudais», às «Cidades-Estados que se transformam em Impérios» e até às concepções actuais.

CURIOSIDADES

Provérbios

- ★ Terra injusta, esta, onde só os vizinhos têm telefone.
- ★ Seguro de vida é bom, mas o que é que a gente leva nisso?
- ★ A vítima é quase sempre a primeira a aparecer no local do crime.
- ★ A mulher mais cara é a cara-metade, que, geralmente, custa o dobro.
- ★ Existem mulheres pontuais, mas com essas ninguém marca encontro.
- ★ Uma verdade é irrefutável: o homem sempre explode primeiro que a bomba.
- ★ Algumas mulheres são contra o biquini. Elas sabem que o biquini também é contra elas.
- ★ Mulher eficiente, compreensiva, meiga e resignada, mora sempre no mesmo lugar: letra de samba.
- ★ Inflação é o sujeito chegar para o outro e perguntar se tem troco para mil e o outro responder se servem três de quinhentos.

(Leon Elischer)

PROBLEMAS DE PSICOLOGIA

II

Tratámos no artigo anterior dos «Estudos» do que é o «objecto da psicologia» e do que se deve considerar como «facto psíquico»; vamos agora tratar do que se pode considerar como «campo da psicologia».

Campos da psicologia

Baseamo-nos para deferir os «campos da psicologia» no estudo de *J. Larguer des Bancels* (Introduction à la psychologie).

A psicologia, cujo estudo está ligado à existência de um ser vivo, está em relação, em virtude desse mesmo facto, com o grupo das ciências biológicas. Dessa maneira e tanto como essas ciências, a psicologia não se pode limitar ao exame psicológico do indivíduo normal; tanto o indivíduo são, como o doente, tanto a criança como o adulto, requerem atenção, *cada um por si*.

Em resumo, a psicologia comporta sub-divisões, tal como qualquer ciência da vida é obrigada a admitir; enumeremos essas divisões:

- a) A *psicologia normal*, que considera o indivíduo são.
- b) A *psicologia patológica*, que considera o indivíduo doente ou deficiente.
- c) A *psicologia genética*, que procura o desenvolvimento da actividade individual e procura apreender-lhes as fases sucessivas.
- d) A *psicologia comparada*, enfim, que estuda, sob o ponto de vista que lhe é próprio, as diversas categorias, cujo conjunto constitui o mundo dos seres vivos.

O significado destes termos é, no geral, inteligível; se quisesse contudo esclarecê-lo com um exemplo, encontrar-se-ia na anatomia uma divisão exactamente igual; a *psicologia normal*, a *patológica*, a *genética* e a *psicologia comparada* correspondem, ponto por ponto, à anatomia normal, à patológica, à anatomia genética, à embriologia e à anatomia comparada.

Por distintos que sejam, em princípios, os grandes domínios que acabamos de reconhecer, não permanecem de modo alguma isolados; a criança, considerada em si própria, pertence à psicologia normal, mas considerada nas suas relações com o adulto, pertence à patologia genética. É impossível abordar o exame do doente, sem ter estudado previamente o indivíduo são; inversamente, os dados da patologia, ajudam a penetrar no segredo de esta ou de aquela função.

Entre vários métodos, citamos o *método psicogenético* de «Binet». Consiste em dispor em série, em um certo número de deficientes — especialmente imbecis — para seguir nesta série a evolução de esta ou de aquela função. O atrasado é comparável a uma criança cujo desenvolvimento sofreu uma paragem; representa por consequência um indivíduo

cujo nível mental está fixado e que se presta a um estudo tão prolongado quanto se deseje, sobre as capacidades que correspondem a esse nível.

Os indivíduos que, em definitivo, formam o verdadeiro objecto de toda a investigação psicológica, podem ser considerados, quer individualmente quer como representantes do grupo a que pertencem. Este duplo ponto de vista leva à formação de dois procedimentos perfeitamente distintos; um tem por fim determinar os traços comuns a todos os exemplares de um certo grupo — constitui a *psicologia geral* —; o outro procura especificar as diferenças que estes exemplares oferecem, uns em relação aos outros — *psicologia individual* — a qual, sendo muito cultural nos nossos dias, deve a Binet os seus primeiros e alguns dos seus mais frutuozos resultados.

O Problema da Introspecção

O método da psicologia introspectiva, compreende, os seguintes princípios psicológicos:

1 — O facto primitivo de consciência, que serve de base à ciência do homem, está completamente contido no sentimento simples e idêntico de uma relação de causa e de efeito.

2 — Os dois termos distintos dessa relação são indivisíveis e nem mesmo podem ser concebidos separados, sem que a relação seja destruída; neste caso a pessoa humana desaparecerá...

3 — Se o homem se pode estudar e conhecer, tal como é, na sua própria visão interior, não pode separar a alma do corpo (1).

Método da Introspecção

A. Binet, na sua «Introspecção à Psicologia Experimental» diz (2):

Nem sempre se esteve de acordo sobre os limites a estabelecer entre a psicologia e as ciências vizinhas, segundo afirma Binet. Sabe-se que os autores da escola espiritualista tinham uma tendência marcada para restringir o domínio da psicologia e evitavam tocar em um grande número de problemas, com o pretexto, um tanto frívolo, de que esses problemas eram do domínio da fisiologia. Na época actual a psicologia tomou uma importância verdadeiramente absorvente e nos aparelhos que existem nos laboratórios, há um grande número de aparelhos gráficos, eléctricos e outros, que se foram buscar à fisiologia; às vezes é difícil marcar uma separação entre os estudos fisiológicos e psicológicos.

No entanto os estudos filosóficos têm uma característica que, bem compreendida, afasta toda a confusão. Sabe-se o que significa a palavra «introspecção», que tem como sinónimo, *sentido íntimo*, *sentido interno*, *consciência*, etc. É o acto pelo qual percebemos directamente o que se

(1) Veja o artigo «O corpo e a alma» no n.º 1 dos Estudos (5.ª série).

(2) Veja «Breve antologia filosófica», de Joel Serrão e Jorge de Macedo.

passa em nós, os nossos pensamentos, as nossas recordações, as nossas emoções. Pode dizer-se que a *introspecção* é a base da psicologia; ela caracteriza a psicologia, de uma maneira tão precisa, que todo o estudo que se fizer por introspecção merece chamar-se *psicológico* e todo o estudo que se faz por outro método, pertence a outro ramo da ciência.

É preciso compreender que tomamos a palavra *introspecção* no sentido mais lato. Frequentemente só se designa por este nome o caso bem conhecido do filósofo que, segundo uma imagem lendária, se dobra sobre si próprio, para se observar e se analisar. Ora essa é somente uma das numerosas circunstâncias — e não a melhor — em que a introspecção encontra ocasião para se exercer.

Quando se convidam várias pessoas a observar-se sobre um determinado aspecto, ou quando se interrogam sobre as impressões internas e se sintetiza em seguida as suas declarações e, ainda, quando são submetidas a certas experiências e se lhes pede em seguida para procurarem avaliar o efeito que essas experiências produziram na sua consciência e quando, sem os interrogar, sem mesmo os advertir que estão a ser submetidos a um estudo, observamos os seus gestos, jogos de fisionomia, as suas palavras, os seus raciocínios, por esses sinais exteriores, concluímos que essas pessoa tiveram certas emoções e certas paixões.

Limites da introspecção

Guillaume, na sua «Introduction a la Psychologie», acerca do limite à introspecção, diz-nos o seguinte:

A discussão da objecção de Comte levou ao estabelecimento da possibilidade da introspecção convenientemente definida, aquela que de facto foi praticada, senão pelos metafísicos, pelo menos por muitos psicólogos, que é uma retrospecção mas, por isso, indirecta, incompleta e falível.

Mas outras razões, não menos graves, demonstram a sua insuficiência. O campo acessível por esse método é muito estreito; poucos são os seres capazes de se observar, de se tomarem como objecto de estudo e depois voltar às suas impressões vividas e à sua actividade mental, para as analisar e para lhes descobrir as suas condições. A psicologia construída na base da introspecção é a psicologia de uma série muito particular; disse-se com razão que era a psicologia do homem branco, adulto, civilizado, normal e mesmo do intelectual e do filósofo; é, por conseguinte levada a cometer um erro intelectualista. A introspecção nada nos diz sobre as funções mentais das crianças, dos anormais, dos primitivos e dos animais. As generalizações dos factos, bem observados em si próprios por um ser superior, correm o risco de exagerar o papel da inteligência, da reflexão e da consciência e de explicar o inferior em relação ao superior e o mais simples em relação ao mais complexo; portanto, não pode fornecer a larga base indispensável a uma psicologia geral.

PROBLEMAS DE FILOSOFIA

O PAPEL DA RELIGIÃO E DA POLÍTICA NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE

DIFICULDADES DA INTEGRAÇÃO DOS MUÇULMANOS NO MUNDO MODERNO

XVII

Tratámos nos dois últimos artigos, do estudo da decadência dos princípios do Islão e da «europeização dos mahometanos», por um lado e da influência que eles vão tendo na psicologia dos ocidentais e, consequentemente das transformações demográficas progressivas do Islão.

Vamos agora, neste artigo, tratar do problema dos muçulmanos da Europa e do Além-Mar, que contribui para a transformação que têm sofrido as suas psicologias e, portanto, as suas «personalidades».

O problema dos muçulmanos da Europa e do Além-Mar

Um problema psicológico interessante é o das pequenas minorias muçulmanas que vivem entre povos completamente diferentes.

Os antigos europeus muçulmanos dos Balkans já não são, agora, mais de 4 milhões; na Jugoslávia, na Grécia (e talvez na Albânia) formam comunidades que têm por vezes, como na Rússia, de aceitar, pelo menos aparentemente, o paradoxo da filosofia socialista-comunista. Estão em situação semelhante a das minorias cristãs (coptas, ortodoxos maronitas, sírios) nos outros meios muçulmanos.

Sabemos que depois da primeira guerra mundial, houve grandes trocas de populações entre turcos e gregos, de *desraizarem* milhões de pessoas, o que constituiu verdadeiras tragédias, que ainda hoje se fazem sentir; os muçulmanos não adoptam a mentalidade dos povos em que têm de viver; ficam, socialmente e psicológicamente, muito isolados, como certas comunidades judias. As populações dos judeus, vivendo em aldeias, bairros, ou grupos suficientemente numerosos, podem sentir o mesmo *patriotismo* dos seus companheiros cristãos ou ateus, mas os temperamentos e religiões tornam-os intolerantes para outras ideias e xenófobos. Moralmente a situação dos judeus é muito diferente da dos muçulmanos desraizados.

As comunidades muçulmanas da África Oriental somam cerca de 2 milhões, dos portos do oceano Índico (em particular de Zanzibar) até Moçambique (250.000), Madagáscar (370.000), até Ceilão (600.000) e a Austrália (100.000); sofrem de um complexo de superioridade

em virtude do seu número e da sua supremacia intelectual, comercial e económica, que é muito grande sobre os autóctones. Os seus contactos constantes com a marinha mercante e com os seus irmãos das grandes nações, garantem-lhes a fusão espiritual que se podia notar no seio das pequenas comunidades inglesas até há pouco dispersas em todo o mundo, de que só há pouco, pela atitude do governo inglês, se começam a separar muitas das antigas comunidades que existiam nos países do norte e do centro da África, para se juntarem à nova comunidade África do Sul-Rodésia, que sente o antagonismo do governo inglês.

Este *complexo de superioridade*, inteiramente explicável, sente-se com mais evidência nos países equatoriais, de cada novo país ou nova república (Gâmbia, Togo, Daomé, Libéria, Costa do Marfim, Ghana, Serra Leoa, Alto Volta, Camarões, etc.) que abrigam de um quarto a meio milhão de muçulmanos; a sua autoridade é muito respeitada pelos negros o que lhes permite viajarem, praticamente, por toda a África. Os negros semitas, por um fenómeno de saturação pigmentar, devida aos cruzamentos ancestrais, têm muitas vezes a pele mais preta do que a cor em geral dos negros. O Senegal e a Guiné têm, cada um, mais de um milhão e meio de muçulmanos.

Pelo contrário, os muçulmanos sofrem de um profundo *complexo de inferioridade*, quando sentem que são tolerados, ou que a administração do país os quer aniquilar. Os 140.000 árabes que estão em Israel não têm uma situação invejável, mas os 300.000 muçulmanos da União Sul Africana, descendentes na maior parte, dos trabalhadores importados da Indonésia pelos holandeses, pelos boers (que os ingleses procuraram substituir por indianos importados da Índia, bem como no Kénia e na Tanganika), fazem parte das populações sem categoria a que se chama «não-brancos», postos à margem por Europeus dali, pelos indianos e mesmo pelos africanos autênticos; partilham, com todos os vários mestiços, bairros separados e uma existência paralela à margem da vida social ocidentalizada.

É esta situação que não se encontra nas províncias portuguesas, razão porque todos os orientais que residem nas várias províncias do ultramar se sentem bem, partilham da nossa atitude perante os que nos combatem e todos os muçulmanos de toda a África e do todo o mundo sentiram o orgulho dos muçulmanos da Guiné, perante a inauguração da sua nova e esplêndida mesquita que acaba de ser inaugurada em Bissau e dos convites do governo português para irem em peregrinação a Meca.

Até a independência, é provável, por exemplo, que os muçulmanos da Niassalândia, tenham podido ocupar posições intermediárias, desiguais às dos brancos, mas superiores às dos negros. A independência de todos os países da África Negra poderá trazer novos problemas. Os negros maioritários, na sua maior parte fetichistas, cristianizados ou superficialmente ocidentalizados, desejarão repelir a habilidade comercial dos

muçulmanos, como dos brancos, procurando *nacionalizar* os seus estabelecimentos? — Isto depende da medida em que os Ocidentais e os Comunistas Russos ou Chineses se souberem conduzir na sua obstinação de se fazerem concorrência mútua, concorrência em que a obstinação paciente, irresistivelmente penetrante e hábil da alma muçulmana, sempre estimulada pela persuasão da sua missão sobrenatural com o auxílio de Allah, os tornam mais fortes, do que os valores dos dólares e dos rublos que tanta força julgam ter.

Os muçulmanos tiveram sempre o carácter, muitas vezes por necessidade, de emigrarem e estudar a forma de viver entre pessoas de outras religiões e temperamentos.

Na América do Norte, os muçulmanos não excedem talvez 40.000, mas na América do Sul devem exceder 400.000. São numerosos no Brasil e sobretudo na Argentina (mais de 200.000) onde encontram terrenos, clima e ocupações semelhantes às que deixaram (os do Marrocos Espanha já falavam a mesma língua).

Enquanto a pronúncia do árabe se destaca muito quando falam francês ou inglês, soando desagradavelmente aos ouvidos europeus, o árabe ou o berbère têm facilidades em falar o castelhano, que é uma língua latina fortemente impregnada da fonética árabe. Além disso há grande semelhança racial entre certos tipos étnicos ibéricos e os seus vizinhos da África do Norte, sobretudo de Marrocos; alguns portugueses mulatos do Brasil, da mesma maneira que muitos italianos que invadiram S. Paulo e a Argentina, não se distinguem dos levantinos ou dos árabes hispanizados e dos bérberes, que em alguns traços se assemelham aos emigrantes bascos.

Os argelinos que foram para a Argentina, encontraram grande semelhança entre a vida dos naturais e a dos fellah, sobretudo com o gaúcho dos pampas. O sangue hispano-bérbere da Andaluzia, mais ou menos impregnado do patagão-indiano, reproduz o físico e o temperamento dos nómadas e do Velho Mundo. A grande diferença, dizem os franceses da Argélia, é que estes trabalhadores são católicos, ao passo que os homens do Maghreb, ficam agarrados à sua doutrina islâmica.

Mas, com o tempo as raças vão-se assimilando; os jovens argentinos ou brasileiros são incapazes de sentir qualquer particularidade racial dos antepassados e baptizam-se, ficando católicos, apesar de nos recessos da sua alma ainda restarem alguns elementos das religiões anteriores. Isto mostra o caminho actual das integrações, apesar de os velhos muçulmanos sentirem uma certa nostalgia; os jovens sentem uma vaga inquietação, mas vão-se adaptando.

Os judeus da América do Sul, mesmo os que estão perfeitamente integrados, são muito mais conscientes da sua individualidade.

O choque das psicologias dos trabalhadores da África do Norte, em França, é um problema que preocupa muito as autoridades e os psicólogos franceses e que se mantém, com dificuldades de resolução.

Na forma como as relações psicológicas e económicas se estão estabelecendo entre os homens das várias religiões, raças e pátrias e que se reconhece ser inevitável a aproximação, verifica-se que existe uma grande dificuldade na integração dos islamicos no mundo moderno; e como este problema interessa as nossas populações, sobretudo no ultramar, vamos demonstrá-lo.

Dificuldade da integração do Islão no mundo moderno

A «Independência» de um país traz sempre derrotas; pessoas que caem dos seus pedestais, alguns muito altos, que desaparecem, muitas vezes mesmo, com sacrifício das próprias vidas, o que sucede aos funcionários, militares, técnicos, produtores europeus, professores, médicos, importadores, polícia, que desaparecem, às vezes brutalmente.

Logo a seguir à independência de Marrocos, o rei Hassan, declarou: — Pensamos que os marroquinos podem tomar todos os lugares ocupados pelos estrangeiros nas pequenas profissões, porque calculamos que todos os podem substituir, mas afirmou inteligentemente, «desejamos manter aqui os especialistas, os intelectuais, que o nosso nacionalismo nascente não teve ainda tempo de criar.»

Pode calcular-se a *hemorragia* que pode provocar, em um desequilíbrio etnográfico, a partida da Argélia de um milhão de europeus, tanto argelinos como um Franco-Canadiano, um Boer da África do Sul, um Português do Brasil ou um Hispano-Americano do México!

Os brancos que foram desenraizados brutalmente da África podem sofrer as mesmas perturbações psicológicas e afectivas que um Australiano ou um Neo-Zelandês, que fosse obrigado a adaptar-se ao clima, à austeridade e à vida das grandes cidades britânicas, apesar das afinidades comuns.

É de notar, em intercaracteriologia, que indivíduos muito semelhantes sofrem mais com as pequenas diferenças de carácter do que as pessoas completamente antagónicas, que nunca procuram interpenetrar-se.

Sabemos que os gémeos, quando chegam à adolescência, às vezes entendem-se mal e nunca gostam que os outros lhe digam que são iguais; isso amesquinha o seu desejo de manter a «sua personalidade». Os irmãos de raça criticam-se mais frequentemente do que as pessoas de diversas origens, de que a complementariedade, como nos Estados Unidos, Brasil ou Suíça, pode no entanto formar uma sólida nacionalidade.

Se, por exemplo, o paralelismo da personalidade dos norte-americanos em relação aos metropolitanos que os desejavam assimilar, por vezes apresenta dificuldades de adaptação intercaracterial, da mesma maneira, o muçulmano ocidentalizado pode sentir-se um desraizado entre aqueles dos seus, que conservam os usos arcaicos.

Entre o equilíbrio do «*Eu*» consciente perante o seu ideal tradicional e a nova personalidade psicossomática formada pela impregnação do vigésimo século europeu, quer ele seja capitalista ou comunista, existe uma zona de passagem, extremamente delicada e perigosa, em que o «*Super-Eu*» pode desdobrar-se, na qual a pessoa parece achar o seu próprio inimigo em si mesmo, quando hesita entre o sacrilégio e a racionalidade, entre a razão e a afectividade, etc.

Se esta crise, comparável à da adolescência, não for atravessada com determinação suficiente para não cair em uma zona intermediária susceptível de *desintegrar a sua personalidade*, corre o risco de chegar a ter uma consciência, sem eixo de raciocínio e de procedimento, associável e infeliz.

Não seria possível, como o Vaticano tenta fazer para os Católicos, proceder a uma actualização da alma muçulmana, a fim de a reforçar no seu *soma* actual, em lugar de a desnaturar? — Isso seria muito bom para a compreensão e convivência entre os muçulmanos, os cristãos e as pessoas de outras religiões.

Arcaísmo tradicional e renascimento do Islão **O problema da educação**

O crescimento demográfico fenomenal de numerosos países muçulmanos, pô-los em face do problema mais grave que possa atingir um povo que acordou para a atracção da civilização ocidental, com uma natalidade que ultrapassa as possibilidades de progresso da escolarização.

Se muitos países se encontram perante várias dificuldades materiais para resolver este problema, em virtude do número progressivamente maior, dos seus escolares, como sucede em Portugal, França e na maior parte dos países, pode imaginar-se o que sucede em alguns países, como o Paquistão (com 87 % de analfabetos) ou o Egipto (com 75 % de analfabetos).

Impondo a paz a países em guerra perpétua, como a Argélia, os respectivos governos tiveram de enfrentar uma superpopulação crescente, de que se fazem sentir os efeitos agressivos, em parte reforçados pela criação inevitável de um proletariado intelectual, sempre insatisfeito e revoltado.

Nos países muçulmanos, como na América latina, não falando na África, a falta de escolas e, sobretudo, de professores competentes, faz com que se recorra algumas vezes à fórmula do ensino por turnos; em

Marrocos fazem-se dois a três turnos escolares por dia, de maneira que estas crianças não têm geralmente mais do que três horas de escola por dia.

Nos países polígamos, em que se concedem subvenções às pessoas com filhos, a superprodução aumentou extraordinariamente; cita-se o caso de um porteiro que tendo mais de 50 filhos, de várias mulheres, recebia da administração francesa mais de subvenção do que o seu director tinha de ordenado!

Poder-se-ia transferir a *lei de Malthus*, do sector da «alimentação material» para o da «alimentação intelectual», e enunciá-la assim: — «Se as populações aumentam em *progressão geométrica*, as suas possibilidades de *formação espiritual*, só aumentam em *progressão arimética*».

Designámos «formação espiritual» e não «formação intelectual» para evidenciar que só um armazenamento de conhecimentos em bruto (que podem ser recebidos, pelo dia adiante, pelos jornais, cinema, televisão) pelas massas de jovens apáticos, podem dar-lhes um esboço das preocupações ocidentais, mas a maturidade, o espírito crítico, a «consciência da personalidade» não podem ser adquiridos em algumas horas por dia, por uma multidão de jovens excitados.

Sob este ponto de vista, as raparigas prestam-se mais do que os rapazes, aos efeitos profundos da educação; em vários países, a renovação intelectual está sendo feita pelas muçulmanas, virtualmente emancipadas e que por isso mesmo, querem tomar o lugar do homem neste sector, enquanto não podem tomá-lo em outros.

Apesar de nos estarmos a alongar sobre este estudo, continuá-lo-emos no próximo número, em que trataremos da *Psicose do recuamento e da desintegração do «Super Eu»*.

CURIOSIDADES

Opiniões sobre o amor

O ciúme é a arte de fazer a si próprio mais mal do que aos outros (*Dumas, filho*).

Os homens dizem das mulheres tudo o que lhes agrada e as mulheres fazem dos homens o que dizem (*Ségui*).

As mulheres que amam receiam sempre que não sejam amadas: as que não amam gabam-se sempre de que são amadas (*Louis Desnoyers*).

Não há um homem sincero que não tenha mentido em amor, homem prudente que não tenha sido louco, homem hábil que não tenha sido enganado (*Félix Faulcon*).

A senhora G... dizia de um galã a quem a natureza recusou qualquer espécie de inteligência: «É belo e é estúpido, o homem ideal para uma mulher surda» (*A. School*).

A ANEMIA DAS GRÁVIDAS

A anemia é muito frequente e às vezes pode tornar-se grave, nas mulheres grávidas, não só para si, mas igualmente para o filho em gestação; este estado anémico prolonga-se frequentemente durante o período de amamentação, com grande prejuízo para a mãe e para o filho.

Os *Drs. Vitse, Mizon e Silberberg* fizeram estudos sobre a anemia das grávidas no Centro Hospitalar de Amiens e que foram publicados na «Semaine des Hopitaux» de 20 de Maio de 1965, a cujos resultados nos vamos referir.

Já *Garnier* no XIX Congresso de Ginecologia Obstetrica, em 1961, fez notar que as estatísticas americanas mostravam que a anemia se manifestava em 30 a 54 por cento das grávidas e que esta percentagem aumentava muito em África.

Estas anemias são mais frequentes nas mulheres que já tiveram um filho, mas às vezes também se manifestam com intensidade durante a primeira gravidez, sobretudo quando há carência de alimentação, quer por impossibilidade económica quer por falta de apetite da mãe; estas anemias são de fácil tratamento, como adiante indicaremos.

As anemias das grávidas, podem revestir qualquer dos aspectos de anemia (hipocrómicas ou normocrómicas).

Muitas destas anemias são explicadas, pela diluição dos glóbulos de hemoglobina, devida a um aumento de volume do plasma sanguíneo durante a gravidez. *Laurel* mostrou em 1947 que na maioria das grávidas a percentagem do ferro no soro sanguíneo começa a diminuir no sexto mês e é interessante notar que a capacidade de fixação do ferro no sangue começa a aumentar depois do 6.º mês, como se fosse uma medida orgânica de compensação; por isso mesmo é aconselhável fornecer ferro ao organismo, particularmente a partir do 6.º mês de gravidez.

O tratamento por injeções só deve ser feito quando houver uma intolerância digestiva para os preparados de ferro.

CURIOSIDADES

- Ser honesto é muito mais cómodo do que não o ser.
- A inveja é um sentimento tão forte que, por mais serviços e favores que prestes, não a consegues neutralizar; nas pessoas inferiores, todos esses favores são motivos de humilhação.
- *Não vale a pena mentir!* É desleal e obriga-nos a ser cautelosos para o futuro, pois temos que recordar o que dissemos anteriormente sobre o mesmo assunto.
- *Não se deve dizer mal dos outros!* Alguns acham isso desopilante e espirituoso; mas em geral, os ouvintes atribuem isso à vaidade ferida, inveja ou qualquer outra razão e não subimos, antes descemos, na consideração dos que nos ouvem. Dizer bem é um acto de superioridade e de elegância.

ÚLTIMOS ESTUDOS SOBRE A MEMÓRIA E PSICOLOGIA COLECTIVA

V

Vamos continuar a aprofundar este estudo, que temos procurado desenvolver nos quatro artigos anteriores: — A «Físico-Psicologia da Linguagem» — A «Intuição» e o «Factor cumulativo na excitação neuro-tónica — As «memórias e os afectos em relação com o «Eu». Continuamos pois este estudo.

A duração da memória

Vimos que a memória, isto é, o armazenamento das informações vindas do exterior, pode fazer-se sobre a forma de impressão que se fixou e que, mais tarde, na confrontação com os mecanismos de associação de ideias, isto é, a sua emergência no campo da consciência, deve ser provocada por condicionamentos de estímulos vindos do exterior.

Fora destas circunstância, como sucede nas memórias das máquinas electrónicas, aquelas impressões são armazenadas nos sistemas cerebrais inconscientes.

Com efeito, é humanamente impossível ter no mesmo instante consciência de todos os conhecimentos acumulados no cérebro. O «eu consciente» não é mais de que um «eu leitor» de uma sucessão de sensações actuais, em confrontação com as reminiscências postas em movimento por mecanismos de associações de ideias, de que o ponto de encontro encefálico se encontra no «talamo».

Quando se pede a um ordenador electrónico, que dê o resultado de uma confrontação de informações, esta máquina exprime o seu trabalho tipograficamente, linha por linha, frase por frase. Este meio de expressão é, de qualquer forma, uma «mecanoconsciência» da máquina; ora, seja qual for a rapidez dos milhares ou milhões de informações confrontadas pelos circuitos electrónicos, é necessário um tempo indispensável para que a máquina possa «registar as conclusões a que chegou»; a inércia do aparelho mecanográfico corresponde foneticamente, ao tempo necessário para transmitir em linguagem compreensível, o trabalho cerebral.

Da mesma maneira, quando uma pessoa reflecte com o auxílio do raciocínio, que é uma linguagem psíquica interior, esta conversa mental não se pode fazer muito mais rapidamente do que seria preciso para exprimir cada um dos seus pensamentos em voz alta. O pensamento também é obrigado a gastar tempo para se desenvolver.

A velocidade de «memorização» pode ser mais ou menos aumentada, mecânicamente. Mas sabe-se que, para além de um certo limite de precipitação ou de retardamento, uma conversação ou uma sinfonia musical, se torna ininteligível ou traumatizante.

O mesmo sucede com uma sucessão de impressões, de sentimentos ou de pensamentos, que podem ser mentalizadas mais ou menos rapidamente conforme as disposições psíquicas ou somáticas no momento (excitações psicológicas, fadiga, sono); há todavia limites, nos quais um pensamento muito rápido, acaba por se tornar incoerente para a consciência ou, um pensamento com muita lentidão, não pode captar as faculdades da atenção. Existe então uma «décalage» entre o sentimento da duração e a velocidade das excitações a assimilar.

A tolerância, para mais ou para menos, está ligada, não ao valor absoluto do número das informações ou dos factos memorizados, a «notar» em um tempo dado, mas à *intensidade do sentimento* da «duração psíquica» no mesmo período de tempo.

A vigilância e a duração da atenção

Uma observação característica pode ser observada por toda a gente. Em um estado de fadiga relativa, verifica-se que durante uma hora se pode ler com proveito, 20 páginas de um livro de erudição; quando se força a velocidade da leitura, as palavras desfilam diante dos olhos sem que o pensamento possa sintetizar e registar o seu sentido; às vezes mesmo, o olhar lê automaticamente uma página, enquanto a imaginação está preocupada com outro assunto ou problema; isto sucede frequentemente.

Se o leitor tomar um excitante psicoléptico, um café ou álcool, pode dissipar a sua lassidão e verifica que a leitura vigilante das 20 páginas que seguem, já se pode fazer mais rapidamente e mais precisamente do que as anteriores, em que muitas vezes foi forçado a voltar para trás para manter o encadeamento do interesse.

Mais ainda, se em um estado de plenitude mental o leitor se obriga a ler com lentidão suficiente para manter a atenção, de forma a empregar uma hora para ler a mesma porção de texto (que devia fazer se estivesse em um estado de fadiga) percebe que assimila mais inteligentemente a sua leitura, em relação a um certo sentimento intrínseco de «duração». É preciso uma certa velocidade no ritmo das impressões para que a «inteligência» possa vibrar com a ideia. A ultrapassagem da zona de tolerância provoca, em um sentido, mal-estar e aborrecimento, e em outro, a «desligação da atenção voluntária».

As variações individuais, em relação a esta «zona de tolerância» são largamente condicionadas pelos temperamentos dos diferentes tipos étnicos e pelo grau de «plasticidade» nas circunstâncias do momento.

Um discurso pronunciado a uma velocidade média, pode parecer demasiadamente lento e pormenorizado a um auditor e excessivamente rápido para um seu vizinho.

Particularmente, a apreciação da música está em grande parte ligada ao fenómeno da «resonância psíquica» do «tempo musical» com o, comparável ou não, da duração subjectiva, particularmente em relação com as condições fisiológicas e à sua reflexão na afectividade pessoal.

Vemos pois que, ao lado do «terreno somático», isto é, do ritmo dinâmico biológico próprio de cada pessoa, em um momento dado, a segunda componente, do sentimento e da duração, depende da qualidade de excitação recebida, estimulante ou retardadora da vigilância.

Citamos um exemplo característico:

Uma criança está fascinada por um conto, mas não é capaz de manter a sua atenção, se a história durar mais de 15 minutos; mas, o que é de admirar, é que a mesma criança reclama a audição da mesma história curta, várias vezes em pouco tempo e tem sempre o mesmo prazer, apesar de já conhecer o enredo e o final. Ora, a mãe ou a avó que tem a paciência de repetir várias vezes o seu repertório, obedecendo ao capricho da criança, pôde proceder assim porque o seu «sentimento de duração» não está ligado, como na criança, ao quadro limitado da historiazinha, mas normal pela impressão afectiva que ele pode ter, quando admira, durante toda a sua vida, uma paisagem familiar, sem se aborrecer.

A experiência subjectiva mostra que as relações das «durações» variam durante as diversas horas do dia; em geral, a «duração» parece prolongar-se na parte da tarde ou à noite; às vezes mesmo tem-se a tendência de prolongar as *noitadas*, mas muitas circunstâncias podem modificar as «durações» durante o dia.

Uma outra nota essencial, é a referente à influência do «campo de consciência» sobre o sentimento da «duração» — As pessoas que têm um vasto campo de consciência têm a tendência para conceber uma duração linear ou «monodimensional». As pessoas que têm um campo de consciência muito estreito, são levadas a dissociar o factor «tempo» em componentes independentes e sobrepostas; por exemplo, viverão um «tempo histórico», independentemente do seu tempo pessoal. Uma recordação recente pode parecer muito mais antiga, do que um acontecimento muito mais recente, segundo o affecto que lhe estiver ligado.

Cada pessoa diferencia a apreciação de uma «duração», em relação com um trabalho a efectuar, consagrando-lhe um tempo mais ou menos rápido em relação com a parte afectiva que o impulsiona, parte afectiva que mantém uma preocupação interior enquanto trabalha.

Na próximo artigo, trataremos do «sentimento da duração» nas *consciências colectivas*.

O SENTIDO DA VIDA

COMO SE FORMA A NOSSA OPINIÃO

O QUE NÓS SENTIMOS
E O «SENSO COMUM»

III

O nosso orgulho leva-nos a pensar que todas as pessoas se conduzem na vida em conformidade com a opinião de que já têm, do que lhes interessa ou lhes convém fazer, isto é, o *seu procedimento deriva da sua opinião*.

Ora a opinião não brota como a planta de uma semente. A própria planta não é livre, brota conforme a semente a formou e nesta, como ela se formou, sob a hereditariedade do seu género e qualidade e sob as influências do tempo e da terra. Da mesma forma a sua opinião não brota espontâneamente; é a resultante final da educação recebida, do seu estado de saúde física e mental e, em grande parte, das acções e das reacções a que esteve sujeito durante a infância ⁽¹⁾.

A orientação e a exploração dos *instintos*, dos *impulsos* e das influências do *mundo exterior* que o cerca, são de facto uma obra de construção psicológica e reflectem o resultado das suas próprias impressões. Uma criança que, desde o seu nascimento, sofre de uma diminuição das suas funções digestivas e que não tem recebido uma alimentação adequada ao seu estado, passa a ter um interesse especial pela sua alimentação e por tudo quanto se relacione com ela. A sua «*opinião*» sobre *si mesmo* e acerca da «*vida*» está intimamente ligada com o seu interesse pela alimentação, combinado mais tarde com o interesse pelo dinheiro, desde que reconheceu a ligação que existe entre os dois problemas.

Uma criança a quem a mãe evitou todo o esforço desde que nasceu, isto é, uma criança amimada, poucas vezes se mostrará disposta a pôr as suas coisas em ordem, pessoalmente. A criança a quem se deram facilidades para impor a sua vontade aos pais, criará o propósito de, na vida, dominar sempre os outros e de se irritar quando não obtiver a obediência que exige; quando porém, na vida, encontra atitudes diametralmente opostas, passa a ter uma atitude vacilante, indecisa, dentro do meio que a cerca. Por outro lado, uma criança que foi sempre educada no espírito de colaboração e no conhecimento do valor da sua capacidade, passa a intentar todos os problemas da vida de acordo com a sua opinião acerca da verdadeira vida social, sempre que se não trate

(1) Seguimos o raciocínio de *Adler*, a quem nos referimos num artigo anterior.

de tarefas sobre-humanas. O sucesso na vida está bem mais garantido a esta do que àquela criança de quem se faz um pequeno despota e a quem se criou um futuro de desgostos, de desgostos, com a necessidade de aprender, mais tarde, *se ainda for a tempo*, o que deveria ter aprendido em criança.

Uma menina, filha de um pai injusto e que se não importa com a família, forma a «opinião» de que todos os homens são iguais, sobretudo quando encontra outras famílias onde o fenómeno se repete. Se se destina um irmão a frequentar os cursos superiores ou a uma carreira importante, isto pode levá-la a formar a «opinião» de que as meninas são incapazes de receberem uma cultura superior e de que se devem limitar a ser boas donas de casa; por seu lado um dos filhos pode criar a «opinião» de que não ligam importância ao seu futuro, que nunca é ouvida a sua opinião; cria assim um complexo de inferioridade, porque pensa saber de antemão que será sempre «o último»; pode ser também que caia no extremo doentio oposto, que o empurra sempre, por reacção, para se pôr acima dos outros e a não permitir que ninguém sobressaia. Se a mãe animar excessivamente esta criança, pode dar lugar a que ela fique com a «opinião» de que, para se converter em personagem superior, basta somente *querer*, sem necessidade de trabalhar para isso; no entanto, se pelo contrário, a mãe estiver a censurá-lo constantemente e às vezes mostrar preferência pelo modo de ser de outro filho, a criança passará a ter uma «opinião» de que as mulheres são todas injustas e menos inteligentes.

É claro que estas «opiniões» podem estar em flagrante contradição com a realidade e com as exigências sociais. A «opinião» enganadora de uma pessoa acerca de si mesma e das exigências da vida, tropeçará mais tarde com a desoladora (para si) realidade, que exige que todas as soluções devam estar de acordo com o «sentimento da comunidade». Os efeitos deste choque podem ser comparados aos de um choque nervoso; mas nem por isso ficará desvanecida a «opinião» de que a sua maneira de pensar não resiste às exigências do meio que o cerca. A tendência para a sua superioridade pessoal na maior parte dos casos, seguirá imperturbavelmente o seu caminho e a pessoa tomará a resolução de limitar a sua acção, para evitar lutar, a uma área mais pequena e de abandonar os planos que não tiveram sucesso. No entanto, os efeitos do choque, ficaram e manifestam-se tanto no físico, como no psíquico; desvaloriza os últimos restos de sentimento de comunidade que ainda tinha e vai gerar uma vida de diversos fracassos, que são o resultado de sucessivas retiradas do caminho do progresso, como resultante dos choques obtidos, se não mudar entretanto de sistema.

Verificamos pois que a *nossa* opinião, que julgamos sempre ser de origem interior é de facto influenciada por factores exteriores; é a resul-

tante das influências que, desde o princípio da nossa vida vão tendo acção sobre o nosso físico e moral e sobre a orientação e formação da nossa personalidade.

Nos exemplos apresentados vimos como um mau aparelho digestivo pode influir poderosamente na formação do nosso espírito; o mesmo sucede com os bronquíticos asmáticos, que são sempre medrosos ou prudentes. Vimos o mau efeito dos mimos na criação dos futuros despotas, desumanos, orgulhosos e sem tolerância para os choques da vida, prontos a deslizar para o desengano, tristeza de vencidos e possivelmente para *blusas negras*, *teddy-boys* ou criminosos, se não conseguem ter chegado a dominadores. Vimos igualmente o efeito da educação sobre as crianças a quem diminuíram ou anularam a formação da sua personalidade, as quais adquirem complexos de superioridade, e de revolta, que enfraquece a formação da moral.

A conclusão a tirar desta exposição é que a «opinião» é a base das ideias e que o homem para formar a sua opinião, recebe do mundo que o cerca a faculdade de determinar o seu pensamento, a sua maneira de raciocinar, de querer, obrar e sentir.

O próximo artigo será dedicado ao estudo dos «meios e vias psicológicas para encontrarmos o *caminho da vida*» e de verificarmos se estamos a *caminhar bem* ou *erradamente*.

CURIOSIDADES

A «auto-estrada» facilita ou impede o número de desastres de automóvel? — Em geral, a opinião é que os desastres diminuam à medida que a estrada é mais perfeita e que as auto-estradas ou as longas estradas sem curvas apertadas, contribuem para diminuir os acidentes.

Os factos, porém contrariam aquela opinião!

Na conhecida «recta de Toulouse» de cerca de 70 quilómetros, em que só há um ângulo não muito apertado, os acidentes graves são diários, quase sempre com mortos; uns explicam o facto pela monotonia do trânsito, que chega a provocar uma ligeira paralização no raciocínio do condutor, que em alguns casos é atingido pelo sono; outro factor, é a recta convidar para grandes velocidades e, neste caso, quando dois carros se cruzam em direcções contrárias a grandes velocidades, se passam muito próximos, o movimento provoca uma espécie de sucção entre eles e os condutores são surpreendidos com o choque e a destruição dos carros, frequentemente com um acidente mortal.

O jornal alemão «Südeutsche Zeitung», de 8 de Janeiro de 1968, publica um artigo intitulado «A auto-estrada provoca a indolência», que transcrevemos a seguir:

«A velocidade de reacção de um motorista é reconhecidamente de grande significado para o tráfego. Um grande número de motoristas, psíquica e fisicamente são, mostraram que a diferença de velocidade de reacção entre o melhor e o pior não é tão grande como muitas vezes se supõe. Além disso, constatou-se o facto, ainda muitas vezes desprezado, de que a velocidade de reacção pode ser treinada até um determinado limite, o que quer dizer, melhorada. Isto se constatou entre os moto-

(Continua na pág. 576)

O PROBLEMA DOS NEGROS NOS ESTADOS UNIDOS E NAS PROVÍNCIAS PORTUGUESAS

O mesmo problema pode ter soluções diferentes conforme o prisma por que se encare. Num boletim do «Banco para o Comércio Suíço - Israeliano», de Junho de 1968 o problema dos negros nos Estados Unidos é tratado, sobretudo nos seus aspectos económicos; transcrevemos parte desse Boletim, por servir de base de comparação entre Portugal e os Estados Unidos, que tanto se esforçam por revoltar os negros das diversas colónias de vários países e que subsidiam a subversão nas províncias portuguesas, mas que têm considerado os negros no seu país, como pessoas à parte da humanidade. Vamos pois extrair alguns períodos daquele relatório:

A população negra nos Estados Unidos, atinge cerca de 10 por cento da população total e, como está aumentando em um ritmo superior ao da raça branca, os números actuais, de 20 milhões de negros no conjunto de um pouco mais de 200 milhões de americanos, tende a aumentar a proporção.

A princípio, a população negra era constituída somente por escravos; há cerca de 100 anos, em 1860, o Sul contava 3.900.000 negros e já então havia 488.000 libertos, mas sujeitos a várias restrições. Em 1865, uma lei deu a liberdade aos negros, mas não os incorporando com a população branca; ainda que a igualdade perante a lei fosse dada a todos os cidadãos, essa liberdade era puramente teórica, mas subsistiam as discriminações sobre o alojamento, sobre a educação e sobre os empregos, que só eram especiais para os negros e o tratamento perante os tribunais era inteiramente diferente para os negros e para os brancos.

Cerca do meio do século XIX, os negros eram frequentemente vítimas de actos de agressão colectiva, chamados «Linchagem» ou «Lei de Linch». A multidão, sem qualquer receio de condenação nos tribunais, executava sumariamente os negros, sem julgamento, depois de os terem torturados e mutilados ⁽¹⁾.

Interpretando arbitrariamente as leis, os negros foram até há pouco tempo, afastados do direito de votar e impedidos de habitar nos bairros reservados aos brancos; quando a lei lho permitiu, quando alugavam

⁽¹⁾ A organização secreta do Ku-Klux-Klan, fundada depois da guerra civil, tornou-se no mais importante instrumento de resistência contra a emancipação dos negros. O Ku-Klux-Klan actual, não tem a mesma organização, mas mantém a mesma intolerância para as outras raças e religiões.

um quarto em qualquer prédio de brancos, estes imediatamente abandonavam as casas em que habitavam; o mesmo sucedia em restaurantes e estabelecimentos de categoria.

Apesar das leis promulgadas, a situação económica dos negros continua precária. Uma das principais razões é a falta dos meios de educação e de aprendizagem suficientes, o que os impede de acederem aos postos mais elevados nos empregos.

O problema do alojamento ainda é importante. A afluência dos negros para os grandes centros, obrigou à construção de bairros de casas de tábuas e latas.

Se uma grande parte da população que não está ainda verdadeiramente integrada, vive em condições não satisfatórias; torna-se, por isso, evidentemente permeável às agitações demagógicas, como ultimamente se tem verificado; é muito fácil prometer-lhes uma vida melhor, com o fim de obter mais votos para um candidato, ou de os incitar a cometer actos de agressão e violência.

É nesta situação difícil que se debate os Estados Unidos que, apesar dos problemas internos, se empenha em armar os grupos dissidentes e auxiliar as revoluções de negros fora do seu país.

E, em contraposição, como são tratados os negros nas províncias portuguesas?

Em face da lei, não há diferenças; todos os cidadãos são sujeitos à mesma lei. Em face da prática, todos verificam que os nossos pretos são tratados com humanidade; chegamos mesmo a ser amigos, pessoalmente, de muitos e temos a satisfação de conquistar a sua amizade, vivendo assim num clima afectivo, que outros povos não conhecem.

As diferenças entre os homens, não são de cor mas, como em Portugal metropolitano, são apenas de educação ou instrução. Os nossos pretos vivem nos mesmos bairros e muitas vezes nos mesmos prédios dos brancos. A frequência das escolas, desde a mais simples, até às Universidades, é comum, sem qualquer diferença. Nas sociedades várias, quer de classe, desportivas ou patrióticas, não há qualquer discriminação.

O acesso às classes superiores, mesmo na magistratura e no exército, também não têm qualquer discriminação.

Tivemos juizes do Supremo Tribunal, Generais do exército, Professores das Escolas Superiores, Directores de Hospitais, de Bancos, etc., oriundos das nossas antigas colónias, hoje «províncias ultramarinas» sem qualquer discriminação de cor ou de religião.

Os pretos que vivem nas grandes cidades ou na Metrópole sentem-se na «sua casa» e têm o prazer da vida em comum, de todos os portugueses.

Quando os extremistas internacionais prepararam em 1961, a grande invasão de Angola que, comandada do exterior, chegou até Luanda, muitos pretos, simples, aderiram suggestionados pelas falsas promessas;

a resistência foi rápida e perante os brancos e pretos ligados pelo mesmo patriotismo, foram empurrados até à República do Congo, de onde tinham partido; ali passavam privações e fome, a contrastar com a abundância e até riqueza que até ali alguns tinham tido, proprietários de roças de café e outras culturas; mandaram pessoas a pedir clemência e, como os considerávamos crianças mal aconselhadas, não só lhes perdoámos, como lhes reentregámos as suas fazendas, voltando à sua antiga abundância e bem-estar. Tornaram-se os maiores inimigos dos que os tinham mal aconselhado e muitos inscreveram-se nos batalhões de patriotas, ou anexos às forças de defesa, tornando-se os nossos melhores auxiliares na defesa do património comum, e hoje combatem ao nosso lado, contra os terroristas.

Se o leitor pensar nos contrastes de processos, nossos e dos Estados Unidos, concluirá que nós é que somos verdadeiramente amigos dos pretos, o que é uma verdade, que estamos trabalhando com inteligência prática, para melhorar o seu futuro e das províncias que administramos e cujo progresso económico, em qualquer delas, se evidencia de ano para ano, promovendo o progresso social dos pretos.

Os desapaixonados têm concluído que *«o sistema português é o mais inteligente e prático para se conseguir a evolução e felicidade dos pretos da África, procurando um melhor entendimento entre os homens, de qualquer cor ou religião e contribuindo assim para a paz no mundo.»*

CURIOSIDADES

(Continuação da pág. 573)

ristas examinados após passarem um trecho de estrada difícil e com muitas curvas, onde quase todos apresentavam melhor tempo de reacção na última terça parte da pista.

O quanto pode ser piorada a velocidade de reacção, quando sob influências perturbadoras do meio, não passou despercebido aos examinadores, do mesmo modo como também as influências de medicamentos, do álcool e de muitas doenças. Interessantes são os resultados apresentados pela influência da monotonia da uniformidade, como acontece nas longas viagens por auto-estradas. Verificou-se que, após uma hora de auto-estrada, tem lugar uma pequena diminuição da velocidade de reacção e que, após uma viagem de três até quatro horas, foi constatada uma perda entre 15 e 25 por cento. Através disso pode-se esclarecer uma série de «carambolagens» nas auto-estradas (reacção lenta). Igualmente interessante é a constatação de que o tempo de reacção individual médio, que, noutras circunstâncias, é normal, em alguns motoristas só volta a estar novamente à sua disposição depois de três até seis minutos após ter deixado a auto-estrada».

● *Troçar dos outros é ter uma ideia petulante das qualidades próprias; é uma inferioridade ou falta de generosidade, o acto de rebaixar os ingénuos ou menos inteligentes. Quantas vezes o pseudo-íngenuo se diverte com a estupidéz do outro!*

● *O optimismo é criador; o pessimismo destruidor. Para manter o optimismo, vencendo todas as dificuldades é necessário um esforço constante. Para se ser pessimista, basta ser mandrião, estúpido ou incapaz. Enquanto que um vence o outro verifica que tudo lhe corre mal e que tem razão para ser pessimista.*



Tratamento do Escrofulismo e Linfatismo

Iodopeptona

(peptonato de iodo)

Tratamento da Fraqueza Geral

com um tónico eupéptico

Opochemol

(extracto concentrado de fígado e baço — peptonatos de ferro, e de manganéz, proteinato de cobre, glicerofosfato de sódio, fósforo, extractos de genciana, condurango e tinturas de noz vómica, absinto e geoniana — 3 a 5 colheres de sopa por dia; nas crianças, colheres de chá; dos 3 aos 7 anos e de sobremesa dos 7 aos 12 anos).

Os diabéticos devem substituir o Opochemol pelo

Opochemol D

VITAMINOTERAPIA

DE DEFESA CONTRA AS INFECCÕES
PREVENTIVO CONTRA A GRIPE

Rutinicê Fortissimo

que, pela rutina, ainda constitui um meio de defesa contra a fragilidade dos vasos, tão frequentes nos accidentes congestivos dos Brônquios e Pulmões, Nariz, Conjuntiva, RETINA E CÉREBRO.

UM TRANQUILIZANTE PARA CADA CASO

Tranquilizante geral

Probamato

Menopausa
Excitações nervosas
da mulher, devidas
a insuficiências
ováricas

Insuficiências cardíacas
Taquicardia
Taquiarritmia
Cardiosclorose
e em geral :
Excitações nervosas
dos cardíacos

Probonar

Pendulon

**O Probamato e as suas associações,
constituem o melhor tratamento con-
tra os diversos estados de ansieda-
de, nervosismo e excitação**